

Teatro

26, 27, 28 Fevereiro 2010

Ópera Camponesa Parasztopera

De Benedek Darvas e Béla Pintér
Um espectáculo de Béla Pintér
e Companhia

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Texto e encenação Béla Pintér **Música** Benedek Darvas
Cenografia Péter Horgas **Figurinos** Mari Benedek **Luzes** Zoltán Vida
Director técnico e som János Rembeczki **Técnico de palco** Tamás Kulifay
Assistentes do encenador Rozália Hajdú, Edit Bottka **Mestre de canto** Bea Berecz
Tradução portuguesa Mónika Bense **Operação da legendagem** Szabolcs Király
Músicos Benedek Darvas (cravo, viola), Bertalan Veér (violino),
Gábor Pelva (violino), László Nyíri (violino), György Póta (contrabaixo)
Com Béla Pintér (o noivo), Szilvia Baranyi (a sua mãe), József Tóth (o seu pai),
Éva Enyedi (a sua irmã adoptiva), Sarolta Nagy-Abonyi (a noiva),
Tünde Szalontay (a sua mãe), Sándor Bencze (o seu pai),
Szabolcs Thuróczy (o chefe da estação), Zoltan Friedenthal (o cowboy)
Estreia Teatro Szkéné, Budapeste, a 1 de Outubro de 2002
Co-apresentação Culturgest e Teatro Maria Matos



Sex 26, Sáb 27 (21h30), Dom 28 (17h00) de Fevereiro
Palco do Grande Auditório · Duração: 1h10 · M12
Espectáculo em húngaro, com legendas em português

Em *Ópera Camponesa* adaptámos uma história que podia ser de uma balada para fazer uma ópera. A música baseia-se numa mistura bizarra mas homogénea de canções tradicionais húngaras da Transilvânia, barroco e pop rock. A história será conhecida de muitos. Segundo a minha avó aconteceu a umas pessoas no campo, há muito tempo. Desculpem-me se não digo mais por agora, a não ser que haverá nela pessoas infelizes, paixão, humor, incesto e assassínio.

Se gostarem, venham outra vez!
Se não gostarem, vão ao médico!
Béla Pintér

Sobre a música, sobre o género

A combinação de diferentes estilos musicais criou uma nova linguagem musical e teatral. Entre os recitativos – acompanhados por cravo – apresentaram-se árias, que lembram o mundo da música tradicional húngara. As canções tradicionais são executadas de forma autêntica, com a orquestração adequada, e no entanto não se quebra a unidade orgânica do estilo musical barroco. Os recitativos barrocos são também adaptados ao novo estilo criado, ganhando humor e vivacidade na forma, cheia de trocadilhos musicais e linguísticos. As alterações de estilo seguem a dramaturgia da história, isto é, a dramaturgia do espectáculo de modo rigoroso e lógico.

Embora os actores não sejam cantores profissionais, a intensidade da sua presença, a construção precisa das personagens e o alto grau emocional corroboram-lhes a voz. As necessidades do teatro têm prioridade sobre as exigências da ópera ou do teatro musical.

O espectáculo joga não apenas com estilos musicais mas ataca também as fronteiras entre comédia e tragédia. Acontecimentos infelizes escondem-se por baixo de situações hilariantes. A qualidade cômica do espectáculo prepara o efeito de choque final: há momentos em que já não podemos rir. O destino trágico das personagens pateticamente ridículas gera a nossa simpatia; é através do cómico e do irónico que experimentamos o trágico.

© Gábor Dusa



Fontes musicais

Canções tradicionais húngaras

Kicsi madár mért keseregsz az ágon...

[Passarinho, porque é que estás tão triste aí, no ramo...]

Búsulni sohase tudtam...

[Nunca soube o que era ser triste...]

Kimegyek a zöld erdőbe...

[Vou à floresta verde...]

De szépen szól a cimbalom...

[Que lindo o som do zimbalo...]

Jaj, de bajos, ki egymást nem szereti...

[Ai que tristeza se duas pessoas não se amam...]

Most jövök Gyuláról...

[Estou a vir de Gyula...]

Széki négyes

[Quadrilha de Szék (Transilvânia)]

Fehér galamb szállt a házra...

[Uma pomba branca poisou na nossa casa...]

Én vagyok a falu rossza...

[Sou o diabo da aldeia...]

A menyasszony szép virág...

[A noiva é uma linda flor...]

Rab vagyok rab vagyok, szabadulást várok...

[Estou presa, estou presa, à espera da liberdade...]

Gyötör engem a szerelem, nem táplál...

[O amor não me alimenta, só me tortura...]

Hallod-e te szelidecske...

[Estás a ouvir-me, mansinha...]

Elvesztette a pakulár a nyáját

[O pagueiro perdeu o rebanho]

Lányom, Szabó Erzsébet elveszté magát...

[Minha filha, Szabó Erzsébet deu cabo de si...]

Kimentem a hegyre, lenéztem a földre...

[Subi à montanha, olhei para o vale...]

Barroco

Albinoni, *Adágio em Sol Menor*

Pop

John Denver, Bill Danoff, Taffy Nivert, *Country Road* (refrão)

Procol Harum, *Whiter Shade Of Pale*, inspirado em Bach: Cantata BWV 140 e *Ária da Quarta Corda* (arranjo para violino e piano da *ária* da Suite para orquestra nº3 BWV 1068)

Sobre a companhia

Béla Pintér e Companhia trabalham juntos desde 1998, tendo-se estabelecido como uma das mais significativas e inovadoras companhias de teatro independente na Hungria: ganharam o prémio da crítica húngara quatro vezes, três delas em anos consecutivos. Estão igualmente à vontade com a arte popular húngara e com formas pós-modernas de expressão teatral. A companhia criou a maior parte dos seus espectáculos no Szkéné, um teatro de repertório independente na Universidade Técnica de Budapeste, onde está em residência. Durante os anos 80 o Szkéné foi o único teatro em Budapeste a apresentar de forma significativa teatro e dança experimentais da Europa Ocidental e Central. Foi aqui que Béla Pintér fez a sua aprendizagem como actor, trabalhando com alguns dos principais grupos experimentais dos anos 80 e 90 (Arvisura, Artus, Utolsó Vonal, Picaro e Krétakör). Em 1998 reuniu um grupo de actores, alguns com formação profissional, outros não, para criar o seu primeiro espectáculo, *Jugo Camponês*. Seguiu-se um espectáculo por ano, com cada produção permanecendo em repertório no Szkéné. Apenas um espectáculo, *Dievuchka* – uma obra de teatro musical monocromática sobre a participação da Hungria na II Guerra Mundial, misturando ópera tardo-romântica com canções de filmes húngaros dos anos 40 –, foi produzido no Teatro Nacional em Budapeste, mas passados dois anos a companhia transferiu o espectáculo para o Szkéné. Entre os seus espectáculos podem destacar-se: *Hospital Bakony* (1999), *A Porta que Abre para Nenhum Lugar* (2000), *Mata,*

aparvalha! (2001), *Ópera Camponesa* (2002), *Dievuchka* (2003), *A Rainha dos Bolos* (2004), *O Nariz da Minha Mãe* (2005), *Korcula* (2006), *Estrela Solitária* (2007), *A Louca, o Médico, os Discípulos e o Diabo* (2007), *Os Filhos do Demónio* (2008) e *Para Nunca Mais Voltar* (2009). Desde 2004 a companhia tem feito digressões por toda a Europa – Gales, várias cidades alemãs, Holanda, Suíça, República Checa, Eslovénia, Rússia, Polónia, Espanha, Roménia, Croácia, Bruxelas, Finlândia, Áustria e França – e ainda em Montreal e em Nova Iorque.

A alternativa de Béla Pintér

[...] O grupo Béla Pintér e Companhia é considerado um dos teatros mais inovadores na Hungria. O objectivo dos artistas que o compõem é criar peças de teatro contemporâneas, baseadas na observação profundamente crítica e, ao mesmo tempo, fortemente irónica da sociedade, aí incluindo a própria personalidade dos seus criadores. De entre os processos usados contam-se a sobreposição irónica da realidade e do surreal, do autêntico e do *pastiche*, do folclore húngaro e do *kitsch*. A originalidade das suas ideias fez deles uma das companhias mais relevantes do país.

[...] Na Hungria, este tipo de teatro criado por uma pessoa, centrado numa figura carismática, é uma raridade. Pintér encena unicamente as suas peças e desempenha papéis principais nos espectáculos que cria a partir delas. Sem ter uma formação profissional específica em teatro, é um autodidacta que fundou a sua própria companhia em 1998 e, a partir daí, todos os anos estreia um novo



espectáculo. A Béla Pintér e Companhia reconhece-se como teatro “alternativo”, de sentido experimental, o que os diferencia do teatro “de pedra”, ou seja, dos teatros oficiais. [...]

O teatro produzido por Béla Pintér é deliberadamente provocatório. Alguns críticos de teatro na Hungria usam a designação “Pinteriada” quando falam do trabalho dele, dando ênfase às características singulares, únicas, da obra de Pintér na Hungria. Não pertence a correntes estéticas propriamente abstractas, mas obviamente também não se poderia considerar um “clássico”. Béla Pintér como dramaturgo não pretende produzir obra literária (não obstante as suas peças terem uma indiscutível qualidade artística), mas sim “obras de vida”, “dramas de vida” irónicos, mas de inspiração autêntica, que se fazem de clichés, estereótipos, frescos banais do nosso quotidiano, quer no uso da linguagem, quer na construção das personagens. Alguns críticos afirmam que os seus textos são puramente teatrais, por não poderem existir fora do ambiente do espectáculo, uma vez que tudo neles se concentra no palco. [...]

Ao longo das nove peças até agora escritas e encenadas, ganham volume algumas características da “Pinteriada” que distinguem este autor dos outros intervenientes do teatro experimental húngaro. O seu ponto de partida é obviamente o texto, cujo aspecto mais saliente é o de tratar uma temática pessoal numa perspectiva radicalmente subjectiva. Cinco das suas nove peças abordam temas como a perda dos valores tradicionais, a morte do pai, o relacionamento entre pai e filho, as religiões, o alcoolismo, a violência doméstica e

o sentimento de crise (artística) que parece dominá-lo. Antes de começar a desenvolver um novo projecto, Pintér procura em si o que o perturba, deste modo tentando encontrar as raízes dos problemas da sociedade no indivíduo. A sua hipersensibilidade aos problemas humanos ajuda-o a abordar a realidade de forma profunda, a que não falta uma clarividência por vezes cruel. Por esta razão, nunca se interessou por encenar obras “alheias”, temas inventados por outros autores, nem quis trabalhar para teatros institucionais, ainda que já tenha sido convidado por alguns.

[...]

Podemos dizer que Pintér domina todas as áreas no mundo do teatro: é escritor, encenador e actor (segundo os seus críticos, é o melhor actor da sua companhia). O seu teatro não é democrático, nem ditatorial: por um lado, é ele o criador “total”, mas, por outro, trabalha em estreita ligação com os seus actores, “usando e abusando” das características deles. Pode dizer-se que Pintér lhes rouba a alma, na medida em que, quando cria as suas personagens, aproveita as características, os gestos, os movimentos e os conhecimentos quotidianos dos seus actores. Mas, para além disso, exige-lhes um estilo muito natural, minimal, sem os elementos típicos do teatro oficial. Não é analítico: é concreto. Neste teatro não há lugar para as improvisações ou para o individualismo, uma vez que o espírito de Pintér se infiltra em tudo.

Há ainda um outro elemento básico no teatro de Pintér: todos os actores têm de ter uma vasta experiência em danças tradicionais húngaras, já que em todas as suas peças se encontram elementos

do folclore húngaro, misturados muitas vezes com a cultura *pop e/ou* a música clássica. Vimos isso, por exemplo, na *Ópera Camponesa*, onde os actores tinham de cantar árias, recitativos, duetos e partes corais. O espectáculo tornou-se uma verdadeira obra-prima, misturando a música folclórica húngara com a música barroca e algumas canções populares dos anos 70 e 80. O compositor Benedek Darvas ganhou cinco prémios pela originalidade musical da peça. [...]

Outra característica das suas obras é um uso peculiar da linguagem comum. Com efeito, Pintér “rouba” frases, expressões idiomáticas e modismos em voga aos falantes da rua, conferindo às suas peças uma agramaticalidade que torna aquele linguajar uma reprodução autêntica da realidade contemporânea, a que não falta, porém, um traço irónico

e enigmático. Outro elemento estruturante do mundo teatral de Pintér é o seu tratamento do tempo, sobrepondo presente e passado, de uma forma que acompanha, de resto, a convivência que tantas vezes no seu teatro se estabelece entre real e irreal.

É esta constante formulação contraditória do seu mundo artístico, este permanente entrecruzar de géneros – tão próprio da sua professada pós-modernidade – que torna Béla Pintér um criador único que vive intensamente a sua vida através da arte que cria, como se nada mais valesse a pena fazer para além do teatro.

Mónika Bense

“Fazer teatro na Hungria – A alternativa dos Pintér Béla e Companhia” in *Sinais de Cena*, nº 6, 2007

© Gábor Dusa



A Louca, o Médico, os Discípulos e o Diabo Az Órült, az Orvos, a Tanítványok és az Ördög

Um espectáculo de
Béla Pintér e Companhia



Teatro Qua 3, Qui 4, Sex 5 Março

Teatro Maria Matos (sala principal com bancada) · 21h30 · Duração: 1h20 · M12

Texto e encenação Béla Pintér **Música** Ferenc Darvas com base nas obras de Allegri, Mozart, Pergolesi **Dramaturgia** Éva Enyedi **Montagem musical** Antal Kémenczy **Cenografia** Gábor Tamás **Figurinos** Mari Benedek **Assistente de figurinos** Júlia Kiss **Luzes** Zoltán Vida **Som** János Rembeczki **Máscaras** Dániel Kovács **Mestre de canto** Bea Berecz **Assistentes do encenador** Edit Bottka, Andrea Pass **Músicos** Marcell Vámos, Péter Császár **Com** Hella Roszik, Éva Enyedi, László Quitt, Tünde Szalontay, Szabolcs Thuróczy, Zsófia Szamosi, Zoltán Friedenthal, Béla Pintér **Co-apresentação** Teatro Maria Matos e Culturgest

E se Jesus nascesse como uma menina do nosso tempo? E se não nascesse em Belém, mas sim numa garagem de um hotel na zona rural húngara? E se os três Reis Magos fossem três mulheres de negócios japonesas?

Quando Edina, uma estudante de Teologia, começa a divulgar as suas ideias visionárias, declarando que Deus

é do sexo feminino e que a nova ordem mundial será governada por mulheres, rapidamente surgem seguidores fanáticos, mas também inimigos perigosos. Traída por um dos seus seguidores, é levada para um asilo...

Para contar esta parábola sobre o bem e o mal, Pintér reinventa o teatro musical, misturando estilos de teatro popular e contemporâneo, tocando Allegri, Mozart e Pergolesi como se fosse música cigana. Tudo isso regado com uma grande dose de humor negro.

Debate “O Fantasma da Ópera”

Sáb 27 Fev, 17h30, Teatro Maria Matos

Nos últimos anos, o musical tem conhecido um renascimento surpreendente em Portugal, bem como na cena internacional. É fundamentalmente um fenómeno comercial, que obedece a um formato tradicional. Mas há criadores que optam pela implosão do género. É preciso destruir o musical para o fazer reviver? Conversa com Béla Pintér, Teatro Praga e Primeiros Sintomas.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
